



A AMPLIAÇÃO E ENRIQUECIMENTO LEXICAL DA LIBRAS

Aline Aparecida Ferreira Zanini

zanini_aline@hotmail.com

Instituto Federal de Mato Grosso do Sul

II Seminário de Pós-graduação do IFMS – SEMPOG 2022

Resumo: *O presente artigo analisa a ampliação e enriquecimento lexical na Língua Brasileira de Sinais expondo, teoricamente, os processos linguísticos e culturais que constroem a sua adaptação e mudanças na estrutura linguística através do contato com outras línguas. Nesse sentido, o objetivo geral deste artigo compõe-se em entender o processo de enriquecimento lexical na Libras, compreender a linguagem de sinais como um instrumento dinâmico e descrever como essa língua evolui. Para que esse objetivo fosse realizado, o trabalho foi produzido através de uma pesquisa bibliográfica e a partir dessa pesquisa foram criados objetivos específicos para a construção do artigo que consistem em apresentar os conceitos da heterogeneidade de uma língua; conceitos que fazem da Libras uma língua; como acontecem os empréstimos lexicais na Libras.*

Palavras-chave: *Enriquecimento Lexical; Libras; Língua Portuguesa.*

Abstract: *This article analyzes the lexical expansion and enrichment in the Brazilian Sign Language, theoretically exposing the linguistic and cultural processes that build its adaptation and changes in the linguistic structure through contact with other languages. In this sense, the general objective of this article is to understand the process of lexical enrichment in Libras, to understand sign language as a dynamic instrument and to describe how this language evolves. For this objective to be accomplished, the work was produced through a bibliographical research and from this research specific objectives were created for the construction of the article that consist of presenting the concepts of the heterogeneity of a language; concepts that make Libras a language; how lexical borrowings happen in Libras.*

Keywords: *Lexical Enrichment; Libras; Portuguese Language.*



Introdução

Segundo Joan Bybee (2020), para os usuários de uma língua as mudanças mais claras são as mudanças nas palavras, onde as palavras se transformam em novas por diferentes processos, sejam eles, por empréstimo, derivacionais ou composicionais, assim, mantendo algum nível de interação com línguas diferentes.

Nesse sentido, podemos dizer que o léxico de uma língua é heterogêneo e pode ir de vocábulos simples até vocábulos e frases inteiras. Assim, é possível analisar a heterogeneidade de várias línguas em que, algum momento, exercem influências sobre si.

Por fim, este artigo propõe-se apresentar os processos de ampliação lexical na Língua Brasileira de Sinais (Língua visual-espacial) através do contato com outras línguas podendo ser incorporando, segundo Bybee (2020) o léxico à língua materna com processos que, emprestam palavras de outras mesmo com culturas diferentes, ou afixos que podem ser aplicados a palavras já existentes, e palavras que através da composição formam novas palavras.

Metodologia

O estudo foi realizado através de pesquisa bibliográfica com base nos livros de Quadros e Karnopp *Língua de Sinais Brasileira: estudos linguístico* e Audrei Gesser *LIBRAS? que língua é essa?: Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda*. A pesquisa realizou-se com objetivo de mostrar como a Libras em contato com uma segunda língua pode enriquecer seu léxico. A língua de contato estudada aqui foi a Língua Portuguesa já que é a língua em que a nossa comunidade está inserida. Foram analisados sinais que por empréstimo ou outra derivação trazem para seu léxico a língua portuguesa.

1 Heterogeneidade linguística

Para Saussure (1916) a língua é um fator social que é adquirido pelos indivíduos que têm um convívio e permitem ao homem constituir sua língua, levando em consideração sua natureza etnológica, política e social.



Nesse sentido, é preciso pensar em heterogeneidade linguística como um ponto de partida para a compreensão dos estudos das línguas. Para Camacho (2012) os linguistas estão de acordo que nenhuma língua natural é homogênea; todas em seus níveis linguísticos estão sujeitas a uma variação.

Para entendermos um pouco mais sobre a heterogeneidade linguística de uma língua, precisamos considerar a Libras uma língua natural, ou seja, possui um sistema linguístico legítimo composto por léxico e sintaxe. Esse sistema linguístico, gera uma quantidade infinita de sentenças, que segundo Quadros e Karnopp (2004) evidencia a quebra de paradigmas que concebia a língua de sinais uma pantomima, tratando a língua visual como complexa e rica tal qual qualquer língua oral.

Assim, tendo na Libras uma língua natural, Quadros e Karnopp (2004) entendem que toda arbitrariedade é convencional, ou seja, quando um grupo busca um traço para caracterizar uma palavra, outro grupo pode arranjar outro traço para essa mesma palavra, colocando em cada aspecto visual suas diferentes relações ao mesmo objeto.

Dessa forma, entende-se que o léxico não se resume apenas em um conjunto de palavras ou sinais, mas como explica Basílio (2004) pode ser visto como um sistema dinâmico, com estruturas que são utilizadas no processo de formação das palavras, permitindo assim a formação de novas unidades lexicais e também a aquisição dessas palavras novas.

2 A Libras como língua e sua variação

Sabemos que cada país tem sua própria língua e no Brasil possuímos, segundo IBGE (2021) mais de 200 línguas faladas, e dentre elas temos a Língua Brasileira de Sinais que é a segunda língua oficial do país, usada principalmente pela comunidade surda e regulamentada pela Lei Nº 10.436, de 24 de abril de 2002.

A história da Libras no Brasil começa a ganhar espaço, quando através de Dom Pedro II em uma das suas viagens à França, conheceu L'Épée e seu trabalho no Instituto de Surdos de Paris e percebe que não havia projetos educacionais voltados para os surdos no nosso país, então ele convida o professor H Ernest Huet para dar aula, e através de Huet



fundamenta-se os projetos linguísticos que conhecemos hoje, como a articulação da fala e a datilologia como auxílio de linguagem (REILY, 2004).

Com os surdos ganhando cada vez mais espaço Hernest Huet em 1857, através do apoio de Dom Pedro II, consegue o instituto para surdos que hoje conhecemos como Instituto Nacional de Educação dos Surdos (INES), sendo referência na área dos estudos da surdez.

Por conseguinte, o estudo bilíngue (Libras primeira língua e Português segunda língua) ganha espaço na educação dos surdos e faz com que as variações linguísticas apareçam. Deste modo, para Gesser (2009) mesmo que se possa traçar uma linha e ver os históricos e assim poder analisar os parentescos e as semelhanças no nível linguístico, podemos também perceber que alguns fatores que favorecem essas diferenças e mudanças na comunidade, tais como: contato com outras línguas e a extensão territorial e suas descontinuidades.

Esse contato com outras línguas proporciona uma maior variedade e diversidade, sendo ela oral ou visual. É característica de qualquer língua humana como enfatiza Bagno (1999), colocando por terra o mito da unidade linguística no Brasil e sua falsa crença que a língua é comum a todos os brasileiros, independente de sua idade, origem, situação econômica e grau de escolarização.

A diversidade linguística também é aplicada na Libras e segundo Gesser (2009), a língua de sinais passa de “mão em mão” e adquire novos “sotaques” novos sinais, que decorrem de empréstimos ou acabam mesclando com outras línguas de contato, e essas mudanças acontecem devido às práticas sociais entre os falantes, que usam sua língua entre surdo e surdo, surdo e ouvinte possibilitando esse multilinguismo na sociedade.

Assim, a língua falada no Brasil (Língua Portuguesa) não é uma língua comum a todos, ou seja, nem todo brasileiro fala o mesmo português assim também acontece na libras, nem todo falante de língua sinais utiliza do mesmo sinal, varia de região para região. Gesser (2009) cita, por exemplo, a variação paulista e carioca na sinalização da palavra “Faculdade” onde é possível perceber a variação lexical expressa na configuração de mão, existente entre os dois estados, para uma mesma palavra.



3 Como funciona a Língua de Sinais Brasileira?

Muitas pessoas, ainda, acreditam que a Língua Brasileira de Sinais é mímica ou um apanhado de gestos, mas segundo Felipe e Monteiro (2007) existem pontos iguais que denominam os níveis linguísticos que constituem uma língua, tais como: o nível fonológico, morfológico, sintático e semântico.

A libras possui todos esses níveis, tendo ao invés de Letras ou unidades lexicais a configuração de mão e expressões não manuais na sua representação. Para Brito (1997) a língua de sinais também se configura uma língua natural e complexa, pois elas surgem de interações pessoais, e sua estrutura permite a representação de qualquer pensamento, desde abstrato a pensamentos concretos, ou seja, ela supre a necessidade de comunicação do ser humano.

Esses sinais, para Felipe e Monteiro (2007) são formados a partir de movimentos das mãos, tronco, cabeça, face entre outras partes sendo comparados ao que conhecemos na língua portuguesa como morfema e fonema. Esses movimentos são chamados de parâmetros e constituem-se em cinco pontos importantes: Configuração de Mão; Ponto de Articulação; Movimento; Orientação e Expressão Facial.

A Configuração de Mão é adotada para ser realizada com a mão dominante (ou com as duas mãos se for o caso), ela tem como resultado a posição dos dedos e de acordo com Felipe e Monteiro (2007) existem 64 configurações de mão.

O Ponto de Articulação é o parâmetro que indica onde o sinal pode ser realizado. O parâmetro tem como referência a extensão dos braços do falante e ocorre tocando em alguma parte do corpo ou até mesmo no espaço neutro que se refere ao meio do corpo até a cabeça. Vale também salientar que, o tamanho que é realizado o sinal diz respeito à intensidade da voz na língua portuguesa.

O Movimento diz respeito ao movimento que o sinal faz, levando em consideração que alguns sinais são feitos de forma estática. Esses movimentos podem ser circulares, com ambas as mãos, simultâneas, para frente, para trás, para direita ou para a esquerda.

A Orientação constitui em como a palma da mão está orientada, (para cima ou para baixo), tendo em vista que alguns sinais têm a mesma configuração de mão,



movimento e ponto de articulação. A modificação da orientação da palma da mão implica na mudança total de significado.

Por fim, temos a Expressão Facial que é chamada de componentes não manuais que são constituídos por olhares, movimentos com a cabeça, olhares entre outros.

Assim, para Felipe e Monteiro (2007) as combinações desses elementos constituem o sinal que produzem as palavras e formam as frases.

4 Empréstimo lexical na libras

Sapir (1921 apud Carvalho 2000) deu início ao termo *Empréstimo* juntamente com Bloomfield (1933) e a partir dessas definições surgiram vários estudos sobre a transição de um léxico de origem para outro léxico.

Com base nesses estudos, Carvalho (2000) define esse empréstimo lexical como sendo um acolhimento de traços linguísticos diferentes, que pertencem a um mesmo sistema tradicional.

Assim sendo, sabemos que a língua é viva (sendo ela oral ou sinalizada) e está sempre em constante mudança, o contato com falantes de outras línguas permite essa dinamicidade e enriquecimento do léxico. Os contatos sociais influenciam na criação de novos léxicos, que podem ser chamados de neologismos, ou até mesmo transferir de outras línguas palavras que suprem a necessidade de determinada expressão; com isso esses fenômenos podem criar novos sentidos ou mudar o sentido de expressões já existentes. Outro ponto importante é que, os empréstimos lexicais podem sofrer transformações na outra língua como diz Carvalho (2000) e só passarão a ser integrados na morfologia depois que for generalizado pelos falantes.

Ainda sobre esse contato entre Língua Portuguesa e Libras, segundo Ferreira-Brito (1997) podem surgir novas palavras através desse intercâmbio como, por exemplo, o conceito de “Linguística” que não existia sinal e conforme os surdos foram se inteirando do conceito e o que ela significava surgiu a necessidade de criar um sinal. O sinal de LINGUÍSTICA foi criado e não é a soletração em português e sim a configuração de mão em L mostrando o vestígio de empréstimo da língua portuguesa.



À vista disso, dizemos que as palavras constituem o léxico de uma língua, e como as demais línguas a libras também faz o mesmo processo. Esses processos linguísticos na Libras segundo Ferreira Brito (1997) são divididos em: empréstimo lexical; empréstimo de inicialização; empréstimo de domínio semântico e empréstimo de ordem fonética.

Empréstimo Lexical: o empréstimo lexical ocorre na libras, através do alfabeto manual sem substituição e representa o alfabeto da Língua Portuguesa através da Configuração de Mão.

Empréstimo de Inicialização: o empréstimo de inicialização é a configuração de mão representando a letra inicial que equivale à palavra em português, exemplo é a palavra *Goiás* que é representada pela letra *G*.

Empréstimo de Domínio Semântico: Segundo Ferreira Brito, os sinais trazidos para as cores são empréstimos, fazendo com que o domínio semântico não seja relevante para os falantes de libras.

Empréstimo de Ordem Fonética: Reprodução da articulação do som de algumas palavras da Língua Portuguesa.

Essas construções linguísticas se devem aos recursos internos da língua, e para Bybee (2020) à medida que novos conceitos são internalizados em uma língua, novas maneiras aqueles falantes encontram para criar uma nova palavra, o que inclui um novo substantivo, verbo, adjetivo, advérbio e assim por diante.

Também é importante ressaltar que o léxico não nativo segundo Quadros Karnopp (2004) tem palavras em português e elas são soletradas manualmente, o que para nós, é apresentado como datilologia, ou seja, configurações de mão que representam o alfabeto em português.

Nesse sentido, Quadros e Karnopp (2004) pontuam que a língua de sinais possuem vários processos na composição de novas unidades lexicais, como vimos acima. Dentre essas composições, temos os processos de derivação de nomes e verbos que se dão pela mudança de tipo de movimento, exemplo: o movimento acaba se repetindo e o movimento dos verbos acaba se encurtando como podemos notar no sinal de “sentar” e



“cadeira”. No verbo sentar há o movimento da mão dominante e no sinal de “cadeira” não há movimento, apenas a representação estática do sinal.

Temos também a formação de palavras compostas, que seguem com um processo autônomo em que duas palavras pré-existentes se juntam para a formação de um novo vocábulo como, por exemplo, a palavra *trem de ferro*. Para a construção desse novo vocabulário é preciso que regras morfológicas sejam aplicadas para a criação dessas palavras, e essas regras são: a regra do contato; da sequência única e a antecipação da mão não dominante.

Na regra do contato temos a inserção de algum contato no corpo como parte frequente do sinal (esse toque pode ser em qualquer parte do corpo ou parte da mão) e essa ação são realizadas no primeiro ou segundo sinal.

É importante observar que se um sinal composto apresenta contato no primeiro ou no segundo sinal, o contato pode permanecer nos dois sinais que formam o composto ou em apenas um deles. Como exemplos da aplicação dessa regra na língua de sinais brasileira têm-se ACREDITAR (saber + estudar) e ESCOLA (casa + estudar). (QUADROS; KARNOPP, 2004, p.103).

A regra do contato ainda possui duas sequências dentro da regra sendo a sequência única e a de antecipação da mão não dominante. A regra da sequência única consiste no composto de duas palavras existentes na língua de sinais e a exclusão dos movimentos e repetições, assim “Os sinais PAI e MÃE (isoladamente) apresentam movimento repetido. No entanto, se os sinais PAI+MÃE ocorrem juntos formando um sinal composto, denotando PAIS, a repetição ou o movimento interno do dedo é eliminado.” (QUADROS; KARNOPP, 2004, p.104).

Já na regra de antecipação da mão não dominante, a mão passiva do sinalizador é antecipada sendo vista, por exemplo, no sinal composto BOA+NOITE.

Quando dois sinais são combinados para formar um composto, frequentemente acontece que a mão passiva do sinalizador antecipa o segundo sinal no processo de composição. Por exemplo, no sinal composto BOA+NOITE, observa-se que a mão não dominante aparece no espaço neutro em frente ao sinalizador com uma configuração de mão que envolve o sinal composto. (QUADROS; KARNOPP, 2004, p.104-105).

Há também a expansão do léxico através da incorporação de numeral, onde os morfemas presos são usados juntamente para a criação de novos significados não tendo



alterações na orientação da mão e expressões não manuais, apenas sofrem alterações a configuração de mão.

Na língua de sinais brasileira, verifica-se que o conceito, por exemplo, de dois meses ou três meses pode ser expresso pela mudança na configuração de mão do sinal. Pela mudança na configuração de mão de 1 para 2 ou 3, o número de meses referido muda. A locação, orientação e expressões não-manuais permanecem as mesmas. Este processo é conhecido como incorporação de numeral. (QUADROS; KARNOPP, 2004, p.107).

Por fim, temos o enriquecimento lexical na libras com a incorporação da negação nos sinais onde o parâmetro de movimento sofre alteração alterando a estrutura fonético-fonológica da palavra.

Há também outro processo produtivo na língua de sinais brasileira que é a incorporação da negação. Há alguns sinais que podem incorporar a negação conforme identificado por Ferreira-Brito (1995). A autora menciona que “através de vários processos, o item a ser negado sofre alteração em um dos parâmetros, especialmente o parâmetro Movimento, acarretando, assim, o aparecimento de um item de estrutura ‘fonético-fonológico’ diferente daquele que é a sua base, ou seja, o aparecimento de sua contraparte negativa” (FERREIRA BRITO, 1995, p.77). Além da incorporação da negação nos sinais, há a negação de forma marcada através de expressão facial incorporada ao sinal sem alteração de nenhum dos parâmetros. (QUADROS; KARNOPP, 2004, p.110-111).

Essas composições e os diferentes processos de formação de palavras criam novos sinais e um novo significado é gerado, ajudando na ampliação e criação de novas unidades lexicais.

Considerações Finais

Os falantes do Português e Libras possuem traços culturais comuns, mas línguas maternas distintas, o que não impede o pleno contato e empréstimos linguísticos entre elas. Nesse sentido, os empréstimos podem acontecer de diversas formas, tais como: aproximação de fronteiras, avanço da ciência e no caso da Língua de Sinais e Língua Portuguesa acontece através das línguas de contato. Essas línguas de contato que proporcionam o enriquecimento lexical, e acaba potencializada pelas interações sociais entre os indivíduos de diferentes línguas, tido por Mattoso Câmara jr. (1985) como um contato íntimo em um mesmo território.



Mas apesar do contato entre falantes da língua de sinais e da língua portuguesa serem distintas, elas compartilham do mesmo convívio social, assim a influência social nessa relação leva a caracterização de uma palavra em língua portuguesa gerar outros traços na libras construindo uma nova perspectiva ao mesmo objeto e aumentando o léxico das palavras na língua de sinais com novas unidades lexicais.

Assim, podemos perceber que a língua é uma convenção social e é exatamente esse contato social entre duas comunidades que permite a diversificação e o enriquecimento lexical de uma língua de contato, aqui no caso, a Libras.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. *Preconceito Lingüístico: o que é, como se faz*. São Paulo: edições Loyola, 1999. BAGNO, Marcos.
- BASÍLIO, Margarida. *Formação e classes de palavras no português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Unidades complexas do léxico*. In Estudos em homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela. vol. 2. Unesp, 2005. p. 747-757.
- BYBEE, Joan. *Mudança linguística*. Tradução de Marcos Bagno. Petrópolis: Vozes, 2020.
- CARVALHO, Nelly. *Neologismos, informação e criatividade*. In: AZEREDO, José C. de (Org.). *Língua portuguesa em debate: conhecimento e ensino*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- CAMACHO, R.G. Sociolinguística. In: Mussalim e Bentes. *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. Vol. São Paulo: Cortez, 2012.
- FELIPE, TANYA AMARA; MONTEIRO, MYRNA. *Libras em Contexto: Curso Básico - Livro do Professor*. ed. 6. Brasília/DF: Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos, MEC: SEEP, 2007.
- FERREIRA-BRITO, Lucinda. *Língua Brasileira de Sinais – Libras*. In: _____ et al. (Org.). Programa de capacitação de recursos humanos do ensino fundamental/vol.III: Língua Brasileira de Sinais. Brasília: MEC/SEESP, 1997. (Série Atualidades Pedagógicas).
- GESSER, Audrei. *LIBRAS? que língua é essa?: Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda*. São Paulo: Parábola, 2009.



NASCIMENTO, Cristiane Batista do. *Empréstimos linguísticos do Português na Língua de Sinais Brasileira – LSB: Línguas em Contato*. 2010. 112 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília/UnB, Brasília, 2010.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. *Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

REILY, L. *Escola inclusiva: Linguagem e mediação*. São Paulo: Papyrus, 2004.

SANDMANN, Antônio. *Morfologia lexical*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 1997.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. Trad. A. Chelini. J. P.Paes e I. Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2006[1916].